



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

SUSTENTABILIDADE EM SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES

KÃDHAWÊ TAWÁ – CELEBRANDO O BARRO

Paulo Roberto de Souza rakupralua@gmail.com, UFSB

Resumo

Esse trabalho é um relato de experiência e resulta de conexões construídas através do afeto e da prática da cerâmica. Ele relaciona os modos dos saberes e fazeres da produção cerâmica na comunidade tradicional da Reserva Pataxó da Jaqueira, Porto Seguro / BA. Está Também relacionado ao ensino e a educação informal nos espaços de produção, tem foco nas técnicas e procedimentos ancestrais, perpassando os universos educacionais, tecnológicos e humanos da prática e da maestria. Tem como objetivo específico contribuir com a comunidade Pataxó para o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico e social do seu território, por meio da criação de um Curso de Artesão em Cerâmica como Tecnologia Social.

Palavras chave: Artesanato, Cerâmica, Pataxó, Retomada, Tecnologia Social.

1. Introdução

O universo que abordarei e que resultou na elaboração deste trabalho refere-se a um saber milenar, o da produção cerâmica pelo povo Pataxó e que, nas últimas décadas, deixou de ser uma prática comum às comunidades indígenas da região do sul da Bahia. Há alguns anos me dedico a pesquisar e, por convicção, participar de ações culturais, inclusive de retomadas de saberes, o que acaba contribuindo para valorizar e registrar as etapas deste processo, a partir de fragmentos de memórias de uma encantadora mulher, que é a força e a sabedoria por trás da “retomada da produção cerâmica pelos Pataxó” .

O trabalho a ser apresentado resume ações de arte educação, focadas nos fazeres e saberes ancestrais relativos à cerâmica. A sua execução foi balizada por questões que envolvem a preocupação com a promoção da cidadania, do desenvolvimento humano, do respeito à diversidade étnica e cultural, da sustentabilidade e do processo educativo transformador que acreditamos e almejamos.

Tive como referências históricas e culturais, principalmente, os saberes de Dona Ana da Conceição Alves dos Santos, também reconhecida como Dona Nega Pataxó ou Takwara Pataxó, anciã da Aldeia Pataxó da Reserva da Jaqueira, Porto Seguro / BA, que me permitiu vivenciar na prática o que significa o processo de construção de análises a partir da decolonialidade, pois o seu olhar e a sua interpretação do universo cerâmico e cultural, guiaram a pesquisa e a intervenção. O que fiz foi atuar como um operador a serviço de sua sabedoria e o desejo de transmitir seus conhecimentos para as novas gerações.

KÃDHAWÊ TAWÁ, na língua Pataxó, quer dizer CELEBRANDO O BARRO e é através e em torno da celebração do barro que este trabalho se desenvolve e reflete o comprometimento com os setores populares, principalmente com os povos indígenas, partindo do compromisso



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

com a educação e com sua capacidade de propor o “encantamento” como currículo. Por meio do acesso aos conhecimentos ancestrais do barro - seus usos, seus ritos e seus mitos - acontece a retomada cultural, que tem nos seus fazeres desde o seu preparo, como argila, para a confecção da cerâmica. O ato de transformar a cerâmica em um pote permitiu todo um processo de discussão, difusão e construção de múltiplos conhecimentos, principalmente com os indígenas Pataxó da Reserva da Jaqueira, lugar principal desta jornada.

Registrar e refletir, em formato acadêmico sobre esta complexa dinâmica, não é um desafio simples, mas me propus a fazê-lo em reconhecimento à relevância dessa comunidade, espaço de resistência e criação, de vida e de dinâmica cultural, de pessoas admiráveis e de amigos queridos, que me acolheram durante tanto tempo e que confiaram em mim. É o mínimo que posso fazer pelo tanto que recebi e continuo a receber dessa comunidade. Esse aspecto indicia minha escolha epistemológica, focada numa perspectiva de enfrentamentos dos problemas sociais e socioeconômicos, reconhecendo que existem muitos desafios por trás de cada ação e assunto relacionados ao barro e à cerâmica.

A proximidade com os Pataxó permitiu-me acompanhar os desafios por eles vivenciados para aprimorar, de forma sustentável, a relação que estabelecem com o seu território. Sem nenhum pudor temos que entender que há um embate na própria comunidade que se dá para além da perspectiva cultural. Há hoje um grupo que se articula em torno da conservação florestal, com o pensamento de um turismo não agressivo e com foco no meio ambiente.

No mesmo espaço há outro grupo, parte da comunidade, que sobrevive do artesanato em madeira e que criou, a partir dessa perspectiva, seus valores socioeconômicos e, porque não dizer, até culturais relacionados à exploração da floresta.

Considerando que a Aldeia da Jaqueira é uma comunidade intensamente dependente da atividade turística - mediante dinâmica de visitação à aldeia e comercialização de produtos artesanais - o meu olhar e possibilidade de contribuição foi importante no sentido de pensar em ações alternativas que pudessem reduzir ou evitar atividades de impacto direto ao ambiente florestal, especificamente no que se refere à extração da madeira para o artesanato, o que lançou luz e foco de interesse para a retomada da produção cerâmica como alternativa.

Deixo claro que, até onde pude observar, a comunidade da Jaqueira tem uma atuação ecologicamente responsável no que se refere à proteção da mata e dos seres que nela vivem, não permitindo desmatamento ou caça em seu território. Atua de forma sistemática para o replantio de espécies vegetais e a preservação de todo o ambiente e vida na Reserva (mantem um viveiro de mudas pra ajudar nisso), e é justamente por essa demonstração de consciência ambiental que buscam por estratégias mais sustentáveis e em harmonia com o meio para todo o seu povo nas demais aldeias que, em grande parte, necessita da comercialização de artefatos produzidos em madeira.

A perspectiva de retorno de uma prática ancestral atrelada ao melhor manejo do ambiente foi determinante para o engajamento e o apoio da comunidade ao desenvolvimento deste trabalho,



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

na verdade essa questão foi levantada pela própria comunidade nas diversas rodas de conversa que tivemos. Nayara Pataxó e Nitxinawã Pataxó foram responsáveis por pensar nessa proposta e identificaram a premissa de substituição comercial e de sobrevivência cultural.

A problemática que passou a alimentar a pesquisa envolveu a compreensão de como viabilizar tudo isso, colaborar para reintroduzir um fazer cerâmico que, até onde se sabe, foi interrompido pelas comunidades indígenas da região e transformá-lo em alternativa de geração de renda. Outra questão diz respeito aos desafios de como este produto e vetor cultural pode vir a ser inserido em um circuito comercial, que permita às comunidades a manutenção de suas formas de vida.

2. Fundamentação teórica

Esse trabalho apresenta inicialmente um brevíssimo apanhado a respeito dos Pataxó do Sul da Bahia e sua história; em seguida, uma breve explicação sobre minha atuação junto a esse povo, que é fonte viva para essa pesquisa. Busco aqui retribuir os conhecimentos e o bem viver aos quais fui apresentado na aldeia. O encontro de nossos saberes, deu sabor e forma a essa escrita, que busca a preservação da floresta através da preservação e da multiplicação dos saberes tradicionais do barro e da cerâmica. Trata-se de vários encontros de colaboração, tanto na difusão de saberes como da produção de textos e de conteúdo, que certamente poderão impactar na vida dos homens e quem sabe assim, também das florestas.

Os Pataxó de que trata este trabalho, são um grupo étnico formado a partir de aldeamentos em 1861 por nativos das etnias Pataxó, Maxacali, Botocudo, Tupiniquim e provavelmente Camacã, no local hoje conhecido como Barra Velha – a “Aldeia mãe” dos atuais Pataxó. Eles estão geograficamente distribuídos em uma dezena de aldeias na região do litoral do Extremo Sul da Bahia, municípios de Prado, Monte Pascoal, Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália.

Emmerich e & Monserrat (1975, p. 13), buscando delimitar as áreas ocupadas pelos denominados Gren, Aimorés ou Botocudos, afirmam, apoiadas em Simão de Vasconcelos (1864, p. 28), que Salvador Correa de Sá, ao realizar uma entrada, em 1577, os encontrou nas imediações do Rio Doce, “juntamente com outras nações tapuias, como Pataxós, Apuraris e Puris”. (Emmerich e & Monserrat 1975, p. 13)

Como nos fala o ISA Instituto Socio Ambiental, “esse registro é a primeira referência precisa à presença dos índios Pataxó no âmbito geográfico de sua distribuição tradicional, i.e., entre a margem norte do S. Mateus e o Rio de Porto Seguro. Esses seriam os Pataxó meridionais, tal como convencionalizado pela literatura antropológica, ao passo que o âmbito de dispersão dos Pataxó setentrionais, atualmente denominados Pataxó Hã Hã, que se circunscreveria à área abrangida pelos rios Pardo e Rio de Contas”. (ISA 2019)

O príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, importante referência nos estudos ameríndios do baixo sul da Bahia, assinalou a existência de similaridades culturais entre os Pataxó e os Maxa-



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

cali, tais como o uso de sacos pendurados; o prepúcio amarrado com um cipó; o pequeno orifício no lábio inferior, onde, por vezes, usavam um pedacinho de bambu; o cabelo tosado à moda pataxó; a similar construção das choças; e o uso de cauim (Wied-Neuwied 1958, p. 276-277).

É importante, lembrar que estas são características comuns aos grupos ameríndios, e também podem ser frutos de mútuos empréstimos nos contextos de interação.

Os Pataxó vivem no extremo sul do Estado da Bahia, em 36 aldeias distribuídas em seis Terras Indígenas - Águas Belas, Aldeia Velha, Barra Velha, Imbiriba, Coroa Vermelha e Mata Medonha - situadas nos municípios de Santa Cruz Cabrália, Porto Seguro, Itamaraju e Prado.

O número de aldeias aqui apresentado foi obtido junto às comunidades locais e a alguns de seus líderes ao longo de sucessivos trabalhos de campo realizados por diferentes pesquisadores. Essa estimativa, contudo, difere da apresentada pelos órgãos oficiais devido à própria dinâmica de ocupação territorial Pataxó e suas retomadas.

Esses dados podem variar entre os informantes, uma vez que a caracterização de uma determinada área como aldeia, e não como “retomada”, termo utilizado para caracterizar a ocupação de terras não identificadas como indígenas, mas que a tradição Pataxó reconhece e reivindica como tal é variável.

Na década de 1820 quando chegou ao Brasil o príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, por produzir registros detalhados e novos sobre os Pataxó da região costeira, se tornou uma das melhores fontes sobre o tema. Ele notou a por exemplo, a presença predominante dos Pataxó e esporádica dos Botocudo nas florestas próximas a Mucuri, também frequentadas por “outras ramificações dos tapuias”, entre outros, já estabelecidos em povoados, nos limites de Minas Gerais. (Wied-Neuwied, 1958, p. 187).

Minha relação com os Pataxó, no entanto, é muito mais recente. Ela começou por volta de 2009 quando me transferi definitivamente para a Bahia inicialmente no Sul, mais precisamente para o distrito de Itaporanga.

A experiência é vista como o alicerce do conhecimento produzido ao longo do tempo. Acreditando nisso, os 10 anos de convivência quase contínua em projetos culturais com os povos tradicionais do sul da Bahia, são um forte alicerce para este projeto. O processo de inovação do conhecimento, que é posto à prova dia a dia no universo da floresta, impactada pelo turismo predatório na Costa do Descobrimento, provoca paradoxos ao “ser indígena Pataxó” e interfere em seus saberes e fazeres, diários e ancestrais.

Interagimos com o barro, que, para muitos dos povos tradicionais no mundo, teve e tem valores estéticos, curativos e práticos (RIBEIRO, 1987; LÉVI-STRAUSS, 1985). Está ligado, muitas



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

vezes, como é o caso Pataxó, ao seu mito fundador e tem funções mundanas e sagradas, como veremos mais à frente.

A cerâmica, por ser uma prática predominantemente feminina entre os povos indígenas (RIBEIRO, 1989), também nos possibilita discutir a questão de gênero, uma vez que hoje, nas aldeias, tanto meninos quanto meninas se interessam por essa prática indistintamente. Nossa pesquisa terá um olhar especial para o barro não só como matéria da cerâmica, mas também amálgama cosmológico e ontológico, elo entre gerações.

Sustentaremos nossas considerações observando mestres/autores e suas manifestações materiais, ou seja, os fazeres expressos em suas peças, que têm, para nós, a conotação de “achados”, de um ponto de vista histórico contemporâneo, assim como atentaremos aos saberes de seus mestres antepassados, seus ensinamentos e suas transformações (GERTZ 1978).

Nossa pesquisa também contemplará a construção de reflexões sobre a importância das retomadas, principalmente aquelas a partir da liderança e dos saberes ancestrais, confrontando os modos ditos científicos e não científicos do saber.

Há uma discussão intensa sobre a real possibilidade de se consolidar a implantação de um novo relacionamento entre conhecimento tradicional e conhecimento científico. [...] ajudando-nos a lembrar que a Antropologia não deve respeitar barreiras em busca por um amplo entendimento do outro. (SCHAAN, 2007)

.3. Metodologia

É importante e conveniente que se inicie esta descrição metodológica a partir da percepção de que a estratégia que instigou a pesquisa foi a do afeto como método. (SAADA 1990)

Tudo foi deflagrado por minha visita à aldeia da Jaqueira, ainda em 2010, o que resultou na elaboração de uma proposta de intervenção denominada “Cerâmica, a Arte em Quatro Elementos”, associada ao Ponto de Cultura Pataxó – Reserva Pataxó da Jaqueira, que acabou por ser contemplada no Prêmio: Funarte Interações Estéticas 2010. A premiação, embora condicionada aos poucos recursos dessa política pública, permitiu a minha inserção na comunidade por um período de tempo que julgo fundamental, para o estabelecimento de vínculos afetivos e para ampliar o encantamento.

A partir de 2016, minha atuação na comunidade dá-se, a partir do processo de formação acadêmica, iniciado na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e como pesquisador iniciante do projeto de extensão financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PROEXT/ CNPQ/UFSB). Nesse período, uma série de ações foram desenvolvidas para despertar, estimular e difundir os saberes e fazeres da cerâmica, não só na comunidade da Jaqueira, mas para além de seu território, a exemplo da Oficina do Cinema ao Barro, ministrada pelos artistas Pataxó para alunos do Colégio Universitário (CUNI/ CIEPS) UFSB.

Sob orientação acadêmica deu-se início uma nova etapa da minha relação com os Pataxó e o processo de construção da proposta de pesquisa passou a seguir os trâmites éticos exigidos,



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

com obtenção de autorização para o encaminhamento da intervenção, registro e controle criterioso de todas as etapas. Essa experiência extensionista deu origem ao projeto encaminhado para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER/UFSB), permitindo-me ampliar a experiência, bem como refletir sobre ela a partir de um referencial teórico e conceitual mais amplo, sempre em diálogo com o precioso substrato dos saberes ancestrais desse povo.

É pertinente expressar aqui uma peculiaridade quanto à dificuldade de se colocar num formato acadêmico e eticamente referenciado questões mais sutis e que geram estranhamento em pessoas que transitam por outras lógicas e realidades. Uma vez que a base desse trabalho está na convivência com populações tradicionais, esse embate entre os conhecimentos tradicionais e os conhecimentos acadêmicos gera, nessa concepção, fricções e interpretações referenciadas.

Retomando a referência do afeto como o método, cabe registrar a sua importância em todas as etapas da intervenção, particularmente ao se analisar respostas, em palavras ou silêncios, para as várias questões levantadas, que não só variam muito entre os entrevistados e observados, mas abrem portas para acessar domínios sutis e reveladores. Esse foi o principal aspecto aprendido durante a convivência nas comunidades, *entender o tempo e o afeto só é possível à medida da convivência*. Quanto mais íntima, mais espontânea.

Com relação a esse aspecto, vale destacar as ponderações de Jeanne Favret-Saada (1990) ao distinguir quatro traços de uma etnografia que se aceita ser afetada e na qual o projeto de conhecimento não se perde:

1. Reconhecimento de que a comunicação etnográfica ordinária – comunicação verbal, voluntária e intencional, visando à aprendizagem de um sistema de representações nativas – constitui uma das mais pobres variedades da comunicação humana.

[...] quando um etnógrafo se lembra do que houve de único em sua estada no campo, ele fala sempre de situações em que não estava em condições de praticar essa comunicação pobre, pois estava invadido por uma situação e/ou por seus próprios afetos.

2. Supõe que o pesquisador tolere viver em um tipo de schize (dissociação, ruptura, clivagem), devendo fazer justiça àquilo que nele é afetado, maleável, modificado pela experiência de campo ou àquilo que nele quer registrar, compreender essa experiência e fazer dela um objeto de ciência.

3. No momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência, quando a narramos não podemos compreendê-la.

4. A análise dos materiais recolhidos (de grande densidade) faz com que certezas científicas sejam quebradas (FAVRET-SAADA, 1990, p. 160).

Assim, a partir da “afecção cultural”, necessária e contraída à luz da compreensão, para depois de um tempo de resguardo decorrido, ficar mais à vontade para relatar essa ação, que penso, contempla as necessidades da comunidade e produz este registro como arquivo, em forma de relato, muito mais do que uma dissertação. Devo lembrar que Favret teve que ficar doente, teve que sentir o feitiço para poder entendê-lo. Assim foi comigo.



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

Nestes termos, podemos afirmar que este trabalho usa a “**pesquisa etnográfica participativa como método**”, na intenção não só de compreender as etapas do processo de produção e transmissão dos conhecimentos da cerâmica, bem como de entender como são estabelecidas as relações interpessoais entre as mestras e seus “discípulos” nessas comunidades, e como esses espaços de produção, que são também espaços de educação informal, afetam o produto e o produtor cultural.

Quanto à metodologia etnográfica, ela designa “essencialmente procedimentos de observação participante, entrevistas em profundidade e grupos focais. Tem como elemento fundamental a concentração no detalhe do cotidiano enquadrando-o no todo da vida social. Para isso, procura articular de forma profunda e fundamentada a abordagem empírica e teórica” (BAPTISTA, 2016, p. 457).

O processo foi inicialmente realizado com conversas informais (entrevistas?) e individuais com as principais fontes de saberes das comunidades: Dona Nega Pataxó e Dona Cadu. A sábia ceramista de Coqueiros, Dona Cadu, embora a quilômetros de distância da Jaqueira e desconhecendo o que ali se passava em termos de aprendizado e pesquisa, sempre esteve em minha mente, instruindo-me o olhar, as reflexões e os passos, ajudando-me a dialogar com o universo Pataxó. Quisera eu ter competência, braços e pernas para abordar aqui o complexo mundo por onde ela me guiou. Seria muito para um aprendiz de pesquisador da academia, mais pouco para o grande admirador que sou. Quem sabe não seja este o próximo desafio. Por hora busquei dar conta da riqueza expressa por este livro aberto que é Dona Nega, segundo as palavras de Nitxinawã, sua filha, mas reconhecendo que o aprendizado com Dona Cadu subsidiou o trajeto que percorri e para quem devo igual esforço de registrá-lo em escrita, num momento oportuno, como observei anteriormente neste texto.

Dona Nega, desconfiada, demorou um pouco a se render aos encantos da câmera e das perguntas, mas assim que o fez, expos toda a complexa forma de produção cerâmica do povo Pataxó contemporâneo, desde sua infância, aproximadamente 90 anos antes, perpassando seus mitos, ritos e lendas. Ter acesso a essas histórias de vida só foi possível depois de algum tempo de convivência. Só depois de muita confiança pudemos chegar aos registros audiovisuais. Esses relatos foram sendo colhidos dia a dia e se revelando a medida do envolvimento. Este aspecto foi o norteador da vivência: convivência, confiança e afeto.

Não obstante, rodas de conversa (ou entrevistas coletivas) foram realizadas, algumas gravadas em áudio e outras também em vídeo, sempre com o consentimento prévio das participantes e de maneira informal para registro. Algumas vezes direcionadas, outras livres, na maioria das vezes descambava para a prática. Posso afirmar que grande parte dos meus cadernos de campo são eletrônicos, capturados por um microfone, por um celular ou por uma câmera.

Os assuntos giravam quase sempre em torno dos aspectos dos saberes e fazeres da cerâmica, mas extrapolaram algumas vezes e abarcavam outros objetos de interesse das mulheres da comunidade, o que acabou interferindo diretamente na construção do currículo do curso que estava sendo desenvolvido. Essas “entrevistas - rodas de conversa” foram fundamentais para subsidiar a elaboração e execução do Curso de Artesão em Cerâmica, produto resultante deste tra-



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

balho de mestrado. E essa estratégia metodológica permitiu uma imersão nos universos culturais e educacionais da comunidade, seus arquivos ainda poderão ser analisados sob outras óticas, possibilitando compreendê-los de múltiplas formas.

É importante perceber que a pesquisa se desenvolveu a partir da relação pesquisador e pesquisados no próprio contexto comunitário, o que tornou mais fácil a percepção das lógicas culturais que o permeiam. Igualmente relevante é perceber que a pesquisa afeta a ação e é por ela afetada, o que contribuiu para entender elementos estruturais desse universo e definir o programa de intervenção sempre mediado pela vontade da comunidade.

Segundo Thiollent (2007, p. 16), o que define esse tipo de pesquisa social com base empírica é o fato de ser “concebida e realizada em estreita associação com a ação ou com resolução de um problema coletivo”, na qual “pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema”, ou seja, da comunidade, envolvem-se de modo cooperativo ou participativo.

A pesquisa ação, além de proporcionar uma associação entre as teorias e as práticas, possibilita ao pesquisador intervir na situação da organização. Segundo Thiollent (2007), ela deve atender dois propósitos básicos: o prático e o conhecimento. Neste sentido, o trabalho desenvolvido tem o viés prático ao ajudar a solucionar questões específicas dos Pataxó, no que se refere à retomada cultural do saber da cerâmica, ao mesmo tempo em que o curso técnico consiste em uma estratégia de divulgação de conhecimento que subsidia a retomada.

4. Resultados

Este trabalho, em sua simplicidade, procurou favorecer o fortalecimento das tradições, importantes para a sobrevivência cultural de um povo há muito tempo massacrado pela colonização e pelo “progresso” que lhes é imposto cotidianamente, levando-o a expor seus valores ancestrais muitas vezes com violência. Várias vezes fechamos a rodovia para solicitar atenção às questões urgentes da população indígena do Brasil, que é a luta por sua terra, em nossa análise pelo seu barro, pelo seu mito, por sua raiz.

A transmissão da cultura, das histórias, das memórias e das tradições Pataxó se dá originalmente por via oral, registrá-la em vídeo, em áudio e escrevê-la é um privilégio que não sei se estou à altura. Acontece que há nos dias atuais um grande distanciamento desses costumes orais, gerado em parte pelo sistema, na forma de outras necessidades, de outros meios e outras mensagens, também coloniais e colonizadoras, é bom que se diga. Maneiras novas e diversas de dominação, outros meios e modos de comunicação e, muitas vezes, de teatralização provocada pelo turismo, que é apenas um deles. Há uma complexidade de razões que esta pesquisa e uma vida não seriam suficientes.

Isso faz com que voltemos nosso foco, que é a partir das retomadas de seus saberes e da transmissão para as gerações atuais. Há uma transformação histórica, uma releitura, um diversificar de meios e modos, inclusive os de registro. Daí a valorização e a importância do documentar a memória e as técnicas de produção da cerâmica Pataxó, não como imposição de modo, mas como instrumento de afirmação, o que levou à proposta de uma Tecnologia Social.



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

Por se tratar de um trabalho de habilidade manual, a cerâmica ajuda a materializar a cultura e o cotidiano. Barro e mãos interagem a partir de vivências que, para esta intervenção, costuraram-se ao longo dos últimos 10 (dez) anos, quando a própria comunidade insistiu em reaprender suas técnicas e utilizá-las para a produção da cerâmica. O que fiz foi registrar essa cadeia de produção de conhecimentos, que vai da arte ao artesanal, das gamelas às esculturas, das panelinhas aos timberos (cachimbos) e daí aos instrumentos cerimoniais e de volta ao seu mito.

É importante considerar a cerâmica também como um meio de comunicação e de registro da paisagem cultural do povo Pataxó, um meio de comunicação legitimamente emitido por um remetente descendente a um destinatário qualquer. Assim, o primeiro transmite a sua mensagem codificada, que contém determinado conteúdo, expresso em uma determinada forma, em um determinado traço. Podemos considerar esta linguagem meramente formal, seria o modo pelo qual o artesão se expressa e como ele constrói uma imagem dele mesmo e do universo que o cerca. Mas não é só isso, o artesão também se reinventa, se atualiza.

A questão fundamental deste projeto não foi analisar as marcas da construção comunicativa do discurso das artes visuais, mas apenas apresentar um relance desse “momentum”, em que a memória é o núcleo desencadeador de seu interesse, quando saberes ancestrais materiais e imateriais retornam ao fluxo cotidiano de uma comunidade. É poderoso esse momento. As técnicas utilizadas são muito semelhantes às técnicas ancestrais e que são praticadas por algumas comunidades na contemporaneidade. Os povos indígenas são excelentes artesãos na execução de artefatos em argila. Nas comunidades indígenas brasileiras a atividade é essencialmente feminina, com exceção dos grupos Ianomâmi, Waharibo e os Yekuana. Entre alguns outros, a produção é realizada com a participação masculina apenas em algumas etapas. Pode-se dizer então que a cerâmica é feminina (ISA, 1997).

Na Aldeia Pataxó da Jaqueira os conceitos de feminilidade e sustentabilidade estão sempre sendo colocados em prática através das retomadas, como a da própria Aldeia, onde as mulheres foram e continuam sendo as protagonistas. Jandaya, Nayara e Nitxinawã lideraram a ocupação inicial que deu origem à Reserva e permanecem como lideranças fundamentais em todas as questões pertinentes à comunidade.

A iniciativa premiada pela FUNARTE, em 2010, com o prêmio Interações Estéticas em Pontos de Cultura, deu início à retomada da prática da cerâmica como alternativa cultural e o aspecto artesanal/educacional ganhou força entre as crianças. Porém os jovens e os adultos da aldeia participaram ativamente, mas foram com as crianças Pataxó que a cerâmica floresceu novamente. Nas mãos dos Pataxó, em especial na sabedoria de Dona Nega e de suas descendentes, em especial suas três filhas, Jandaya, Nayara e Nitxinawã, repousam a habilidade de construir e estimular alternativas para que se mantenha a harmonia entre cultura e ambiente. Este trabalho é fruto desta força e iniciativa femininas que tem a capacidade de uma nova geração.

Com a perspectiva de possibilitar harmonia entre a humanidade e o meio, através do desenvolvimento sustentável, o artesanato gerado no processo de interação estética, procura seguir os conceitos básicos da sustentabilidade ambiental e de consumo consciente. Elementos natu-



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

rais existentes na floresta (sementes variadas, piaçava e fibra de tucum, por exemplo) são acrescentados à cerâmica e associados ao grafismo Pataxó criando um produto único, étnico e viável para o desenvolvimento político, econômico e cultural da comunidade. Político porque discute seu território, seus fazeres e seus saberes, econômico porque pode valorar seu artesanato, e cultural uma vez que retoma seus conhecimentos adormecidos e os transforma, dando mostras da possibilidade da continuidade.

Unindo o design e a conservação da biodiversidade, a cerâmica pode ser vista como uma alternativa viável ao uso da madeira, largamente utilizada no artesanato e proveniente da Mata Atlântica, num embate filosófico e físico com o estado de conservação. Além da substituição de gamelas de madeira por gamelas de cerâmica, o projeto também esteve direcionado à produção de uma arte genuinamente Pataxó, figurativa e utilitária. São potes cerimoniais, esculturas, adornos e colares confeccionados na Jaqueira, sob a orientação de jovens mestras e mestres multiplicadores Pataxó. Com essa produção, artesãos e artistas estão agindo ativamente para a conservação desse importante ecossistema no extremo sul da Bahia, uma das regiões mais lindas e ameaçadas do Brasil.

Assim como do pássaro João de Barro, emprestamos a metáfora dos fazeres da sua casa, de outro empresto as palavras para sintetizar essa tarefa, que foi desenvolvida com alegria e muito amor ao barro, o poema de Paulo Leminski resume o que nos aconteceu:

O barro

Toma a forma

Que você quiser

Você nem sabe

Estar fazendo

O que o barro quer

(LEMINSKI, 1983).

5. Conclusões

Ao final deste percurso de contato com parte do encantamento e da complexidade sociocultural dos Pataxó, inúmeras perguntas e fragmentos de respostas perpassam minha mente. A perspectiva epistemológica do pluralismo, expressa em todo o referencial teórico aqui exposto, me instiga a refletir sobre como as políticas públicas atendem, em geral, a determinados senhores, reiterando princípios excludentes, racistas, sexistas e capitalistas com forte tendência neoliberal. Tendem a ser geradoras da maioria dos problemas das comunidades tradicionais, provocando asfixia em suas formas de viver. O uso da madeira como matriz artesanal no caso Pataxó é apenas um exemplo dentre outros.

A cerâmica como artefato, como impulso original de criação, nos permite transitar entre presente e passado, nos rememorando a possibilidade do sonho/pensamento de que é possível uma floresta em pé. Que a terra queimada seja apenas a da transformação do barro à cerâmica, sem



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

comprometimento de nossas matas. É um ponto a ser considerado para a retomada de um modo de vida mais harmônico e ninguém melhor do que os indígenas para nos mostrarem o caminho. Que os observemos em sua imensa sabedoria!

A retomada efetiva da produção cerâmica como atividade cultural na aldeia Pataxó Reserva da Jaqueira é uma realidade experimentada por duas gerações de Pataxó. Na Aldeia da Jaqueira estão aptos aos fazeres da nova cerâmica Pataxó ao menos 20 (vinte) multiplicadoras e multiplicadores, assistidas pelo mestre Oiti Pataxó. Sua produção em escala comercial é uma questão pertinente ao povo Pataxó e às suas conveniências, tratando-se também de uma perspectiva de desdobramento desta pesquisa.

Tentei registrar em palavras as inúmeras ações desenvolvidas ao longo dos últimos anos que comprovam o despertar para o saber cerâmico, bem como a suas implicações dialéticas tanto na difusão, particularmente estimulados por ações extensionistas, promovidas pela CAPES e pela UFSP, mas que tiveram como principais protagonistas as próprias comunidades indígenas, em especial a da Aldeia da Jaqueira onde se desenvolveu grande parte deste projeto. O processo de retomada cultural foi deflagrado e é irreversível, jovens mulheres, crianças e adolescentes tiveram contato com a cerâmica, primeiro pelos ensinamentos fundamentais de Dona Nega Pataxó (101 anos).

A oferta em caráter regular do Curso de Artesão em Cerâmica, decorrente desse percurso, é também uma questão que está nas mãos dos Pataxó. Ela implica na implantação de núcleos de produção de cerâmica em caráter cooperativo, o que, por sua vez, requer financiamento que pode vir a ser obtido via políticas públicas mediante editais, financiados por instituições parceiras. Faz-se necessário buscar alternativas viáveis para esse empreendimento.

A implantação da logística para que esta tecnologia flua na comunidade é uma realidade, experimentada e praticada pelos Pataxó da Jaqueira que já dispõem de uma estrutura física com: forno; matéria prima; ferramentas e professoras(es) multiplicadoras(es) capacitadas(os). Existem, portanto, condições plenas para viabilizar o curso em outras comunidades. Há uma promessa da Associação Pataxó de Ecoturismo (ASPECTUR) de construir um espaço próprio para a prática da cerâmica, articulando sua produção à educação e à comercialização, o que viria a gerar recursos econômicos importantes para a continuidade do projeto, bem como garantiria a gradativa consolidação de uma atividade produtiva artesanal mais sustentável, que além de estimular o viés educacional subjacente à valorização deste saber ancestral para a comunidade, também proporcionaria renda numa perspectiva de troca com a madeira.

Na verdade, com a consecução dos objetivos sociais e educativos desse projeto todos ganham: a comunidade; a floresta e até os turistas.

O principal objetivo da comunidade era a retomada e esta é uma possibilidade para uma retomada com inovação, mas partindo da cultura ancestral como influência artística na prática de



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

conhecimentos contemporâneos. Os limites da importância cultural experimentados neste trabalho são tão líquidos quanto possam ser e se misturam, entrecruzam, perpassam suas dimensões físicas e filosóficas desde a epistemologia combinada.

Esta foi uma fase de angústias, que decorrem para a psique ao nos depararmos com as “incertezas e as inseguranças da modernidade líquida, nossas sólidas identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e até sexuais, sofrem um processo de transformação, e que é contínuo, que vai do perene ao transitório” (BAUMAN, 2010, p. 17). Tal situação é visivelmente expressa nos contextos de contato colonizador e de agressões que configuram a trajetória Pataxó e de seu território, constantemente invadido, tanto que acaba fazendo parte da forma como as comunidades se reestruturam e se retroalimentam cotidianamente.

6. Agradecimentos

Aos Pataxó, que me receberam na Aldeia da Jaqueira e me abriram as portas de uma nova vida, desde Dona Nega e toda a sua família, principalmente o Aponê, sua esposa e filhas; o grande Cacique Karajá, uma lenda, história viva da luta do povo Pataxó; ao meu amigo e irmão Oiti Pataxó, principal responsável pela perenidade deste trabalho; ao amigo (Fabinho) Kamayurá, que acreditou nisto em 2010; ao Aderno, que com seu silêncio e sua sabedoria ensina a todos nós; a Siratã, hoje cacique da Aldeia da Jaqueira, Swindara e sua linda família, que retrato neste projeto com muito respeito e admiração; Tawá e Sirleide, dois lutadores, guerreiros da luz, da música e da educação, um norte para toda a aldeia; Juary e sua família, liderança que me abriu portas incríveis e que faz muito bem o papel de interlocutor político da comunidade; o que falar de Nayara, Nitxinawã e Jandaya, as três mulheres mais incríveis e guerreiras contemporâneas que conheci, filhas de Dona Nega e lideranças incansáveis na luta da afirmação sócio cultural Pataxó; Angohó Pataxó, um exemplo de mulher resignada e batalhadora, que no seu silêncio grita por melhores dias nas aldeias; as pesquisadoras Arissana, Ariema e Anary, artistas em cada uma de suas atividades, mulheres batalhadoras e queridas, referências para essa ação; Aricuri Pataxó e sua bela família, delicado, com um jogo de cintura espetacular, um verdadeiro gênio na forma de aprender e de ensinar; Berg Pataxó e Serginho Goypã, sempre presentes e atentos, e o Gora, talentoso, dedicado e com uma sensibilidade e capacidade inigualáveis, um grande artista das imagens. Tem a Frany Pataxó, a tímida cuidadora, sempre atenta e pronta, arredia, mas de alma delicada; Makayaba, o guerreiro da luz, um ser humano cheio de amor e companheirismo. Preciso também falar da Dona Tonha, ceramista “retada” de Coqueiros que aprendeu na lida as coisas da cerâmica e com uma pureza e delicadeza ímpares, nos detalhou seu sacrificado aprendizado. Agradeço a Dona Quem e a Dona Raimunda, ceramistas também de Coqueiros e que abriram as portas das suas vidas e das suas casas para a pesquisa. Agradeço à Dona Ana e ao Ademir, mãe e filho, muito mais que ceramistas, referências religiosas no recôncavo da Bahia. Ademir me mostrou a ligação entre a espiritualidade e o fazer cerâmica, Pai Ademir de Oxum é ajuda em tempos carrancudos, é esteio espiritual de boa parte da comunidade. Axé meu pai!

Agradeço imensamente à minha orientadora, Dra. Ana Cristina de Sousa, entre tantas coisas, pela paciência, pelo carinho, pelo envolvimento; por dispor seu tempo, sua experiência e seus



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

conhecimentos profundos sempre com generosidade e delicadeza. Mais que uma luz, um verdadeiro exemplo de afeto e de como a teoria pode ser associada à prática. É muito bom poder trabalhar com alguém a quem se respeita e admira. Sem ela, esse trabalho não teria o alcance e o peso que adquiriu.

7. Referências bibliográficas

- BALL, Stephen. Cidadania global, consumo e política educacional. In: SILVA, Luiz Heron (Org.). A escola cidadã no contexto da globalização. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos Culturais: O quê e o como da investigação. In: Cultura: Metodologias e Investigação. Aveiro: Ver o Verso, pp. 451-461, 2009.
- BATISTA, V. R.; NASCIMENTO, J. J. S.; LIMA, A. G. B. Secagem e queima de tijolos cerâmicos maciços e vazados incluindo variações dimensionais e danos estruturais. Revista Eletrônica de Materiais e Processos, v.3.1, pp. 46-61, 2008.
- BARRETO, Cristiana. Antes de Orellana. Modos de figurar o corpo na Amazônia pré-colonial Atas do terceiro Encontro Internacional de arqueologia Amazônica. Simpósio “Bajo Amazonas”. Brasil: Instituto Francês de Estudos Andinos, 2014.
- BAUMAN, Zigmunt Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOMFIM, A. B. Patxohã, língua de guerreiro: um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó. Salvador: UFBA, 2012.
- CASTRO, Viveiros de, E. O perspectivismo ameríndio ou a natureza em pessoa. *Ciência e Ambiente*, v. 31, pp.123-132, 2005.
- _____. O nativo relativo. Rio de Janeiro: *Mana*, v. 8, n. 1, pp.113-148, abr. 2002.
- CARVALHO, Maria Rosário; MIRANDA, Sarah. Pataxó. Povos Indígenas no Brasil. Instituto Socioambiental/ISA, 2018. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3>
- EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. São Paulo: Ed. UNESP, 2005. Título do original inglês: The Idea of Culture Autor: Terry Eagleton Copyright © Terry Eagleton 2000 Tradução: Sofia Rodrigues. Revisão: Levi Condinho. 1.a edição: março de 2003
- EMMERICH, Charlotte e Ruth, Monserrat. Sobre os Aimorés, Krens e Botocudos. Boletim do Museu do índio. Rio de Janeiro, 1975.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990. “Être Affecté”. “Ser afetado”, In: *Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de Anthropologie*, 8, pp. 3-9. Tradução de PAULA SIQUEIRA Mestranda em Antropologia Social pelo PPGAS/ MN/UFRJ. Revisão TÂNIA STOLZE LIMA Professora Doutora em Antropologia pelo ICHF/UFF.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia, Saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- _____. Pedagogia do Oprimido. 27ª ed. RJ, Paz e Terra, 1987.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATA, Maria; RAMOS, Marise (Orgs.). Ensino médio integrado: concepções e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.
- GOLDMAN, Márcio. Quinhentos anos de contato: por uma teoria etnográfica da (contra)mestiçagem. *Mana* 21(3), pp. 641-659, 2015.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GRUNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Os Índios do Descobrimento: Tradição e turismo. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2001.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- IPEA/PNUD. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Desafios do Desenvolvimento. Fevereiro de 2006. Ano 3, número 19 p. 21 a 29. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), 2006.
- ISA. Instituto Sócio Ambiental. Programa Povos Indígenas no Brasil. 1997. Acessado em 2018. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal
- KRENAC, Ailton. A Potência do Sujeito Coletivo. Revista Periferias. Por Jailson de Souza e Silva, 2019



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
 V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
 17 a 19 de novembro de 2020

- LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica 1. Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LAGROU Els; SEVERI, Carlo (Orgs.). Quimeras em diálogo: grafismo e figuração nas artes indígenas. Rio de Janeiro: 7 Letras, Índios da América do Sul. Brasil. 2013. (Religião e Mitologia)
- LAYMORT, Garcia dos Santos. Saber Tradicional x Saber Científico. In: Povos Indígenas no Brasil 2001 a 2005: ISA Instituto Sócio Ambiental, pp. 89-91, 2006.
- LEMINSKI, Paulo. Caprichos & Relaxos, 1983
- LÉVI Strauss. O pensamento selvagem; Tradução: Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 1989.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A oleira ciumenta. Portugal: Edições 70, 1985
- MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. Esboço de uma teoria geral da magia. In: MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, pp. 47-181, 2003.
- MARCONI, Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF, Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008.
- _____. Colonialidade: o lado mais escuro da Modernidade. Tradução de Marco Oliveira. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro. RJ, Brasil. Rev. Bras. Ci. Soc. [online]. Vol.32, n.94. 2017.
- _____. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo (Org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: pp. 71-103, 2005. Artigo originalmente publicado na Revista Gragoatá, n. 22, pp. 11-41, 1º semestre e traduzido por Ângela Lopes Norte, 2007.
- MIRANDA, Sarah Siqueira de. A Construção da Identidade Pataxó: práticas e significados da experiência cotidiana entre crianças da Coroa Vermelha. Salvador: PINEP UFBA, 2006.
- ODS/ONU. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. ONU Brasil 2019, Acessado em 2019. Disponível em: <https://na-coesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/>
- PIMENTEL, Spensy; O índio que mora na nossa cabeça. São Paulo: Prumo 88pg. (2012).
- RIBEIRO, B. A Linguagem simbólica da cultura material. Introdução. In: RIBEIRO, B. (Org.). Suma Etnológica Brasileira. V. 3: Arte Índia. Petrópolis: Vozes; FINEP, pp. 15-27, 1987.
- RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, Darcy. Culturas e línguas indígenas do Brasil. Separata de Educação e Ciências Sociais, ano II, v. 2, nº 6, p. 4-102, Rio de Janeiro. 1989.
- SACCONI, Luiz Antônio. Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa. São Paulo: Atlas, 1996.
- SAMPAIO, Helena. Ceramistas de Coqueiros Histórias de vida. 2009. Disponível em: <http://arteso.org.br/novo/files/uploads/downloads/Ceramistas-Historias-de-Vida.pdf>
- SANTOS, Boaventura de Souza. Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). Epistemologias do Sul. Coimbra: Edições Almedina S/A, 2009.
- SCHILLER, Friedrich. Cartas sobre a educação estética da humanidade. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA. EPU, 1991.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 3. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. Ed. 2. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SEBRAE. Artesanato: um negócio genuinamente brasileiro. São Paulo: V.1, n. 1, mar. 2008
- SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.



II *Sustentare* – Seminário de Sustentabilidade da PUC-Campinas
V WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade
17 a 19 de novembro de 2020

- SOUZA, Arissana Braz Bomfim. *Arte e Identidade: Adornos Corporais Pataxó*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos [Centro de Estudos Afro-Orientais], Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA. 2012
- SCHAAN, D. P. A arte das sociedades de tradição oral. *Goiânia*, v. 5, n.1, pp. 99-117, jan. jun. 2007.
- SCHAAN, D. P. A ceramista, seu pote e sua tanga: identidade e papéis sociais em um cacicado marajoara. *Revista de Arqueologia*, v. 16, p. 31-45, 2003.
- SCHAAN, D. P. Arqueologia, público e comodificação da herança cultural: o caso da cultura marajoara. *Arqueologia Pública*, São Paulo, v. 1, p.19-30, 2006.
- SAQUET, Marcos Aurélio, Eliseu Savério Sposito (organizadores) *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos* 1.ed. São Paulo: Expressão Popular UNESP. Programa de Pós-Graduação e Geografia, pp. 73- 94, 2008.
- SOS MATA ATLÂNTICA. *Mata Atlântica: a casa da maioria dos brasileiros*. Atlas da Mata Atlântica. Disponível em: <https://www.sosma.org.br/projeto/atlas-da-mata-atlantica/> 2008 a 2019
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2007.
- TUGNY, Rosângela de. *Programa Arte, história e língua Maxakali-pataxó: educação pública intercultural na região Sul da Bahia*. PROEXT¹. Atxohã. MEC. Porto Seguro. BA: UFSB, 2016
- UNESCO. *Ciência e tecnologia com criatividade: análises de resultados*. Brasília. Edições UNESCO, 2004.
- VELTHEM, L. H. *Arte indígena: referentes sociais e cosmológicos*. In: GRUPIONII, L. D. (Org.). *Índios no Brasil*. Brasília: Min. da Educação e do Desporto, p. 83-92. 1994.
- WIED-NEUWIED, Maximiliano, Príncipe de. *Viagem ao Brasil*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1958 [1815 - 1817].